I Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVI Jornadas de Investigación Quinto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2009.

Crise da experiência histórica: a psicanálise e a psicologia do sentido no contexto das guerras mundiais.

Armani, Carlos Henrique.

Cita:

Armani, Carlos Henrique (2009). *Crise da experiência histórica: a psicanálise e a psicologia do sentido no contexto das guerras mundiais. I Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVI Jornadas de Investigación Quinto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-020/93

ARK: https://n2t.net/ark:/13683/eYG7/0zT

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org.*

CRISE DA EXPERIÊNCIA HISTÓRICA: A PSICANÁLISE E A PSICOLOGIA DO SENTIDO NO CONTEXTO DAS GUERRAS MUNDIAIS

Armani, Carlos Henrique
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Brasil

RESUMEN
Esse artigo é um estudo introdutório ao pensamento de alguns psicanalistas - sobretudo Sigmund Freud, Franz Alexander e Viktor Frankl - que viveram durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais e testemunharam um período histórico profundamente conturbado de violência e morte. Para tal estudo, eu investigarei a crise da idéia civilização ocidental no pensamento daqueles intelectuais, que se configurou em uma crise de sentido do Ocidente como experiência e expectativas históricas.

Palabras clave
História Psicanálise Psicologia Guerras

ABSTRACT
CRISIS OF HISTORICAL EXPERIENCE: PSYCHOANALYSIS AND PSYCHOLOGY OF MEANING IN WORLD WARS CONTEXT
This article is an introductory study about the thought of some psychoanalysts - above all Sigmund Freud, Franz Alexander and Viktor Frankl - who lived the First and Second World Wars and witnessed an historical period deeply disturbed by violence and death. For this study, I will investigate the crisis of West civilization idea in the thought of those intellectuals, that defined itself as a crisis of sense of West as historical experience and expectation.

Key words
History Psychoanalysis Psychology Wars

A) INTRODUÇÃO

O período que marca os primeiros 50 anos do século XX são profundamente balizados por uma catástrofe de proporções políticas, sociais e culturais sem precedentes na história. Nunca se matou tanta gente num curto espaço de tempo apenas por decisão política e econômica. O sentido mais amplo dessa crise ficou conhecido como uma crise de sentido dos grandes valores que sustentaram a cultura ocidental, sobretudo a idéia de civilização como cumulatividade da experiência histórica adquirida. As questões filosóficas e psicológicas decorrentes desse contexto ancorado na morte, na finitude e no abismo do não-fundamento, foi um campo fértil de reflexão testemunhal por parte de muitos intelectuais do mundo ocidental e ocidentalizado, em especial de alguns psicanalistas como Sigmund Freud, Franz Alexander e Viktor Frankl. Com exceção do primeiro, os demais viveram as duas guerras mundiais, testemunhando - por meio de seus próprios escritos - um período fértil na produção de uma literatura da angústia, da ansiedade e da nadificação, enfim, um período que, historicamente, determinou a visão de um mundo traumático que explodiu as metanarrativas de legitimação do sentido, fragmentando-as e dispersando-as em um caos de sentido cujo imperativo se sustentava na imprevisibilidade e na turbulência da relação entre passado, presente e futuro.

O objetivo desse artigo é fazer uma análise introdutória do pensamento desses autores, em especial seus escritos acerca da crise da idéia de civilização ocidental como uma crise do sentido histórico em termos de cumulatividade da experiência do passado para seu uso no presente e no futuro.

B) A ERA DA CATÁSTROFE, A PSICANÁLISE E A PSICOLOGIA DO SENTIDO

A Primeira Guerra alcançou contornos mundiais e se transformou num confronto bélico de trincheiras onde o sentimento de nadificação e de finitude, enquanto enfrentamento com a alteridade da morte, andava lado a lado com os homens cujos rostos enlameados desapareciam na tenebrosa impessoalidade do *front*. A Segunda Guerra, apesar de beirar os 50 milhões de mortos, talvez tenha sido menos traumática para o Ocidente europeu em razão da devastação que a guerra anterior havia causado na mentalidade européia.

Freud, Alexander e Frankl não estavam isolados na denúncia do projeto histórico ocidental, mas foram vozes fundamentais para a demarcação de uma literatura testemunhal acerca dos efeitos das guerras mundiais no âmbito dos sistemas de valores que fundamentavam o Ocidente.

Para Freud, a civilização somente existia às expensas da felicidade. Os homens, disse Freud em um escrito do mesmo período, "se orgulham de suas realizações e têm todo o direito de se orgulharem. Contudo, parecem ter observado que o poder recentemente adquirido sobre o espaço e o tempo", assim como "a subjugação das forças da natureza (...) não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderiam esperar da vida e não os tornou mais felizes" (Freud, Das Unbehagen..., 1968). Freud parecia assistir à desagregação de uma sociedade cuja estrutura espaço-tempo havia sido, até então, rígida, sólida e durável. O homem, criador de ciência, de filosofia, de cultura, de história, não era uma "criatura gentil" que desejava ser amada, mas pelo contrário, afirmou Freud, "são criaturas entre cujos dotes instintivos se deve levar em conta uma poderosa quota de agressividade" (idem). Para fundamentar essa asserção, demasiadamente negativa em relação ao homem, Freud mencionou "várias atrocidades cometidas pela humanidade", entre elas, "os horrores da recente guerra mundial"(idem). Era a guerra, acima de tudo, que despojava os homens de seus acréscimos ulteriores de civilização, colocando a nu o homem primevo que existiria em cada um de nós (Freud, Zeitgemasses, 1968).

Por mais que Freud tentasse estabelecer uma certa disjunção entre a natureza agressiva do homem e a civilização, tentando poupá-la do mal-estar na cultura, suas palavras não pareciam ecoar qualquer tipo de otimismo em relação à própria civilização e aos rumos do homem contemporâneo. Ao menos como uma espécie de *Über-Ich*, a civilização estava aquém da sua possibilidade de oferecer segurança em um universo onde imperavam as forças do *Es*. Ao colocar em um intemporal *Es* (id) o problema do sentido humano e da crise da civilização, Freud parecia jogar para o lado da irracionalidade todo o problema do Ocidente. Por mais que a crise de sentido histórico estivesse presente em seu pensamento, ela se devia sobretudo aos rumos irracionais que a história humana havia tomado nesses últimos anos. Essa era a visão de outro psicanalista, ex-aluno de Freud: Franz Alexander.

O momento presente no qual Alexander escreveu seu livro, *Our age of unreason,* - 1942 - exigia dele e dos seus contemporâneos "o entendimento dos princípios fundamentais da vida social e da estrutura econômica, para ajustar o indivíduo aos novos modos de vida que a ciência natural e aplicada descobriu em um período miraculosamente curto" (Alexander, 1972). Mas, diante da acumulação de capital intelectual proveniente da história, o que as ciências sociais, tais como a sociologia, a psicologia e a história poderiam oferecer à sociedade ocidental? Se a ciência havia instruído o homem, ensinando-o a dominar a natureza e fazendo com que ele inventasse novas formas de relações sociais, o homem permanecia confuso diante de sua própria criação, "incapaz de ajustar a si mesmo a esse novo ambiente de sua própria elaboração" (idem). A facticidade da guerra tinha a ver com as forças irracionais que imperavam no Ocidente. Como poderia, em uma época de esclarecimento científico e plena realização cultural e técnica, o mundo ocidental testemunhar uma escala sem precedentes de destruição global da vida? Alexander mantinha a ciência, a tecnologia e a racionalidade normativa e instrumental incólumes diante dessa catástrofe.

Para sair da crise de sentido, Alexander propunha introduzir o método científico nos estudos da personalidade e da sociedade humana, uma perseguição que acompanhava a psicologia e as ciências sociais desde os seus nascimentos em meados do século XIX com o positivismo e o cientificismo. Realizar tal façanha seria uma maneira de tornar pertinente, novamente, a experiência histórica e extirpar dela o que fosse irracional, para que o uso pleno das faculdades racionais fosse levado a efeito do melhor modo possível.

A época era trágica, mas tal condição epocal implicava necessariamente pessimismo? Não poderíamos arrancar uma dose de otimismo desse universo marcado pelo desespero? Podemos saltar para o pensamento da psicologia do sentido - a logoterapia - e colocar a tese do otimismo trágico nas situações extremas. Se, por um lado, a conclusão maior que se havia chegado até o momento era a guerra, a destruição, a morte, o luto e a melancolia, não seria possível sustentar, por outro, a mesma conjectura de pessimismo e universalidade do inconsciente e da irracionalidade como causadores da guerra. Não, pelo menos, para um autor que produziu um dos seus trabalhos mais importantes nas condições mais adversas possíveis. Ao contrário do pessimismo que permeou o pensamento daqueles autores anteriormente citados, especialmente de Freud, pode-se dizer que Frankl deu uma das respostas mais otimistas na era da catástrofe e do Holocausto. A pesar e com o pesar de todas as circunstâncias, a vida tinha um sentido: apesar de tudo, dizer sim à vida (Frankl, 1981).

Viktor Frankl, formado no paradigma austríaco da psicanálise e judeu praticante, foi prisioneiro em diversos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, entre eles *Auschwitz*. Ao contrário do que ocorreu com parte significativa dos sobreviventes do Holocausto, Frankl jamais tornou um interdito sua experiência acerca das circunstâncias extremas pelas quais ele passou como prisioneiro. O livro que ele escreveu durante sua permanência nos campos de concentração alemães se tornou um best-seller. Desde os relatos da chegada à estação ferroviária de Auschwitz, passando pelo processo de "desinfecção", pela construção sistemática da indiferença em relação a si e ao outro, por discussões políticas e religiosas até a libertação final, Frankl sempre se perguntou acerca do sentido da vida, que se sintetizava com a seguinte asserção: não cabe perguntar o que eu espero da vida, mas o que a vida espera de mim (Frankl, 2008).

Contrário a Freud e a alguns psicanalistas, para Frankl a vontade de sentido era a motivação primária na vida do homem e não uma racionalização secundária de impulsos instintivos. As neuroses e frustrações existenciais não teriam sua origem entre impulsos e instintos, mas em problemas existenciais cuja preocupação e desespero da pessoa sobre se sua vida valeria a pena ser vivida seria uma angústia existencial, uma tensão interior como pré-requisito para a saúde mental.

Se havia efetivamente um vazio existencial como fenômeno difundido no século XX, isso implicava responsabilidade e necessidade de fazer opções. A questão é que a possibilidade de opções como decisão diante do passado e do futuro não tinha mais os referenciais da tradição de outrora, o que jogava o sentido da vida para uma abertura cujo significado era constantemente reavaliado, processo de ressignificação que passava pelo sentido do sofrimento. Frankl entendia que o mais importante nessas situações era dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tinha de mais elevado, e que consistia em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter o sofrimento numa conquista. Para o autor, o sofrimento deixava, em parte, de ser sofrimento quando encontrava um sentido, na medida em que o fundamento do humano não seria buscar prazer ou evitar a dor, mas antes ver um sentido em sua vida. Entre as coisas que tiravam o sentido da vida humana estavam não apenas o sofrimento, mas também a morte. Quer dizer, mesmo na maior alteridade de nossa vida - ou seja - no absolutamente outro dela que é a morte, o sentido era algo que devia ser colocado. Tornar uma realidade permanente, imortal, significava ordenar o tempo, converter o passado em algo presente e futuro.

C) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chamar a atenção para a crise do projeto ideal de civilização ocidental, psicanalistas e psicólogos como Sigmund Freud, Franz Alexander, e Viktor Frankl foram testemunhas impar de um momento em que o testemunho - a possibilidade de representar a experiência comunicável - se tornou um problema. Não somente

porque havia sérias dúvidas do que poderia ser efetivamente comunicável, se valeria à pena dizer e, caso o valesse, como poderia ser dito, o que poderia ser dito e quais as condições somáticas e psíquicas que poderiam dar a base para tornar tais experiências comunicáveis. Traumas psíquicos e físicos foram contados aos milhões, o que tornou os relatos desses escritores durante as guerras um trilho testemunhal para que pudéssemos ter, ainda que precariamente, um certo acesso aos modos como cada um deles viveu a crise de sentido da experiência histórica. Mais do que fazer tabula rasa do passado, quase todos eram unânimes em afirmar a necessidade de se manter um sentido. Se ele seria calcado nas ciências naturais, se ele seria muito mais tributário do passado do que do futuro, se ele dependia de uma nova ordem espiritual mais equilibrada entre as forças da destruição e da criação, essas eram e são questões que não foram respondidas plenamente, talvez porque o ser do mundo, como dizia Ortega y Gasset (Ortega Y Gasset, 2005), não é matéria nem alma, nem coisa alguma determinada, senão perspectiva).

NOTA

[*] Doutor em História; Professor adjunto da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Pós-doutorando em Teoria e Filosofia da História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista de pós-doutorado do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). E-mail: chapoa@brturbo.com.br.

BIBLIOGRAFÍA

ALEXANDER, F. Our age of unreason. New York: Lippincott, 1972.

BAUMER, F.O pensamento europeu moderno. Lisboa: Ed. 70, 1990, vol. 2.

FRANKL, V. Trotzdem ja zum Leben sagen: ein Psychologe erlebt das Konzentrationslager. München: Kösel Verlag, 1981.

FRANKL, V. Em busca de sentido. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREUD, S. Zeitgemasses über Krieg und Tod. In: Gesammelte Werke. Hamburg: S. Fischer, 1968.

FREUD, S. Das Unbehagen in der Kultur. In: Gesammelte Werke. Hamburg : S. Fischer, 1968.

ORTEGA Y GASSET, J. Meditaciones del Quijote. Madrid: Alianza Editorial, 2005.